

# ANCE DE VISTA

**1.ª PARTE** — Entre a Realidade e a Arte, está o Artista. Mas o Artista é Homem — um Homem em quem certas faculdades normalmente desenvolvidas nos outros possuem um desenvolvimento anormal. Até aqui, porém, o Artista ainda é só Homem, embora extra-ordinário. Este Homem extra-ordinário é Artista quando possui meios de exteriorização das suas faculdades anormalmente desenvolvidas. A Realidade lhe servirá então de pretexto, de motivo, para exteriorização dos seus dons; Para comunicação deles aos outros. Mas a causa primeira da Arte é o existirem homens em quem certas faculdades normalmente desenvolvidas nos outros possuem um desenvolvimento anormal. Portanto,

o Homem — o Artista — a Realidade — a Arte

NOTA 1.ª — Entre as faculdades anormalmente desenvolvidas do Homem que virá a ser Artista, citaremos: a imaginação, a sentimentalidade, a inteligência, a emotividade, etc. Muito desenvolvidas todas nos Artistas mais completos; estas faculdades desequilibram-se umas a favor das outras nos Artistas menos completos; menos ricos; menos complexos. Compare-se um Dostolevsky a um Zola, um Shakespeare a um Corneille, um Pascal a um Rochefoucauld.

NOTA 2.ª — Os homens dotados de faculdades anormalmente desenvolvidas são também dotados duma maior necessidade de as exteriorizar, de as exibir, de as comunicar, de as partilhar com os outros. Dum modo geral, a Vida não lhes basta para isso. Daí a *vontade* de fazer Arte que possuem. O exibicionismo, o egoísmo, a vaidade, e também a generosidade e a comunicabilidade — são poderosos agentes na criação artística. Um Artista é pois um Homem que possui faculdades anormalmente desenvolvidas; que possui a necessidade de as *realizar* pela exteriorização; e que possui dons que lho permitam.

**2.ª PARTE** — Do que ficou dito na primeira parte se fez o seguinte sumário:

o Homem — o Artista — a Realidade — a Arte

Mas também do que ficou dito na primeira parte se conclui que este sumário é a seguinte soma:

o Homem + o Artista + a Realidade — a Arte

O Homem é pois uma parcela, o Artista outra parcela, a Realidade outra parcela. Conforme o valor das

parcelas, conforme o valor do total — Arte. As parcelas podem valer mais ou menos, mas nenhuma pode ser suprimida. E a alteração de qualquer das três parcelas não tem igual influência na alteração do total. Exemplifiquemos: A parcela Homem vale 7. A parcela Artista vale 5. A parcela Realidade vale 3. O total Arte ( $7 + 5 + 3 = 15$ ) valerá 15. Agora, a parcela Homem vale 5. A parcela Artista vale 7. A parcela Realidade vale 3. Segundo a matemática,  $5 + 7 + 3 = 15$ . Mas o total Arte já não valerá 15. Valerá menos se o valor da parcela Homem tiver mais influência na valorização do total Arte que o da parcela Artista. Valerá mais no caso contrário. Deixemo-nos de números e passemos à terceira parte.

OBSERVAÇÃO DO AUTOR: os números e as palavras são apenas um meio de nos fazermos compreender — e que eu só emprego por não haver outro menos deficiente.

**3.ª PARTE** — Conforme as épocas, as escolas e as atitudes críticas — se valorizam a individualidade humana (parcela HOMEM) o dom da expressão (parcela ARTISTA) e a influência exterior (parcela REALIDADE) na valorização da Obra realizada. É assim que o dom da expressão adquire um valor predominante nas teorias e nas realizações esteticistas; e a influência exterior, isto é: a influência da Realidade ou a atenção prestada à Realidade — na Arte sociológica, moralista, ou realista. Da mesma forma as faculdades próprias e individuais de Homem (a Humanidade) do homem que vai realizar Arte — podem ser consideradas dum interesse capital nessa realização. Para os que obedeçam a esta tendência, não será o esteticismo de Wilde que vale, mas um Homem que se chamou Oscar Wilde. As qualidades pessoais, humanas, de Wilde aparecer-lhes hão muito superiores às suas qualidades convencionalmente chamadas artísticas. De igual modo não será a estética do «*Qu'est-ce que l'Art?*» que vale na Arte de Tolstói, mas um homem que se chamou Leão Tolstói. Ora a Arte moderna parece-me poder ser compreendida sob este aspecto individualista, ou antes: humanista. A desumanidade que Ortega y Gasset vê na Arte moderna pode ser ora um muito humano desejo de ultra-humanidade, ora uma revelação das forças humanas mais

(Passa para a última página)

recônditas, menos fixáveis, e mais extravagantes por menos elucidadas. É a Arte moderna que eu quero chegar.

**ULTIMA PARTE** — E' claro que a Natureza, a Vida, a Realidade exterior não são negadas na Arte moderna. Mas sobretudo porque lhe são pretextos, motivos, excitantes, provocações. E' claro que o dom artístico — a Graça — não é dispensável na Arte moderna. Mas o Artista moderno aproveita as suas próprias deficiências, as suas próprias impotências, as suas próprias inabilidades. E' que sobretudo o obceca a Realidade do Homem — quer nas suas faculdades chamadas mais altas por mais características da espécie: as faculdades conceptivas, intellectivas, ou como lhes chamem, quer nas suas faculdades obscuras, subterrâneas, instintivas, sub-conscientes, intuitivas. Não se dê a separação esboçada um valor demasiado. Ela é mais cômoda que verdadeira, ao menos nos grandes Artistas modernos que ora *concebem* intellectualmente, ora *realisam* mediunicamente. No entanto, é do pendor para conceber ou re-criar tudo intellectualmente que nasceu o cubismo teorizado, a chamada poesia pura, a renovação do gongorismo, marinismo, eufuismo, preciosismo, conceptismo. Exemplifiquemos, mais ou menos completamente, com os poemas de Mallarmé ou Valéry, a pintura de Braque, o teatro de Shaw, Pirandello, talvez Cocteau. E é do pendor para adivinhar ou re-criar tudo extra-razionalmente que nasceu parte do futurismo, o dadaismo, o expressionismo, o ultra-realismo. Exemplifiquemos, mais ou menos completamente, com alguns poemas de Rimbaud ou Reverdy, a pintura de Chagall, parte da Obra de Marinetti, etc. E' claro que estes exemplos não são completamente representativos — e sobretudo por eu os escolher entre grandes artistas. Mas bastam a ilustrar o que tento dizer. Isto é: A afirmação que o Homem faz de si próprio na Arte moderna. Afirmação ora duma existência activa, ignota, crepuscular, perturbante e poderosa — a existência do seu sub-consciente — ora duma existência activa, directora, esquematisadora, poderosa e lucida — a existência da sua intelligência consciente.

NOTA FINAL — Relativista, o autor confessa a sua repugnância pelas afirmações dogmáticas, e dá as suas palavras como um ponto de vista sob que pode ser encarada a Arte moderna, como uma tentativa de compreendê-la sob certo aspecto.

*José Régio.*